



HISTÓRIAS DE CINEMAS DE RUA DE MINAS GERAIS

Alessandra Brum
Ryan Brandão
(Organizadores)

HISTÓRIAS DE CINEMAS DE RUA DE MINAS GERAIS

Alessandra Brum
Ryan Brandão
(Organizadores)



Juiz de Fora

2021

© Editora UFJF, 2021

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa da editora. O conteúdo desta obra, além de autorizações relacionadas à permissão de uso de imagens ou textos de outro(s) autor(es), são de inteira responsabilidade do(s) autor(es) e/ou organizador(es).



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

REITOR

MARCUS VINICIUS DAVID

VICE-REITORA

GIRLENE ALVES DA SILVA



DIRETOR DA EDITORA UFJF

RICARDO BEZERRA CAVALCANTE

CONSELHO EDITORIAL

RICARDO BEZERRA CAVALCANTE (PRESIDENTE)

ANDRE NETTO BASTOS

CHARLENE MARTINS MIOTTI

CLAUDIA HELENA CERQUEIRA MARMORA

CRISTINA DIAS DA SILVA

ILUSKA MARIA DA SILVA COUTINHO

JAIR ADRIANO KOPKE DE AGUIAR

MARCO AURELIO KISTEMANN JUNIOR

RAPHAEL FORTES MARCOMINI

REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO

MALORGIO STUDIO DESIGN & COMMUNICATION



Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFJF

Histórias de cinemas de rua de Minas Gerais / Alessandra Brum, Ryan Brandão (organizadores.) – Juiz de Fora, MG : Editora UFJF, 2021.
Dados eletrônicos (1 arquivo: 12,2 mb)

ISBN 978-65-89512-12-7

1. Cinemas – Minas Gerais. 2. Cinema – História – Minas Gerais.
I. Brum, Alessandra. II. Assis, Ryan Brandão Barbosa Reinh de. III.
Título.

CDU 791(815.1)

Este livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, promulgado pelo Decreto n. 6.583 de 29 de setembro de 2008.



EDITORA UFJF

RUA BENJAMIN CONSTANT, 790

CENTRO - JUIZ DE FORA - MG - CEP 36015-400

FONE/FAX: (32) 3229-7646 / (32) 3229-7645

editora@ufjf.edu.br / distribuicao.editora@ufjf.edu.br

www.ufjf.br/editora

Filiada à ABEU



ENTRE RASTROS E MEMÓRIAS DOS CINEMAS DE RUA EM ARAXÁ

AMANDA CARVALHO GOMES¹

INTRODUÇÃO

Nos primórdios cinematográficos, não existia a ideia de sala de cinema como se conhece hoje, haja vista que essa arte era tratada como atração promovida por exibidores ambulantes; hora em uma feira, hora em um café, etc. Isso se deve porque, inicialmente, o aspecto científico, de novidade, se sobrepunha ao artístico. Até os primeiros anos da década de 1900, “o interesse residia no dinamismo das imagens fotográficas em movimento, na atração das luzes e sombras na tela que levavam a uma fantástica jornada por desconhecidas terras distantes e surpreendentes encontros com pessoas célebres ou estranhas” (FREIRE, 2012, p. 70).

Mattos (2006), ao discorrer sobre os variados projetores inventados por volta de 1890, diz que, nos Estados Unidos, uma dúzia de pequenos filmes era inserida em meio aos espetáculos visuais dos teatros de *vaudevilles*. Posteriormente, se instauraram nas antigas salas de cinetoscópios (aparelhos de projeção individual criados na Edison Laboratories), os *electric theaters* e, nos bairros operários, se ocuparam os *nickelodeons*. Estes foram os primeiros espaços voltados à exibição cinematográfica, exclusivamente (pp. 19-20).

Já no Brasil, é interessante notar que o primeiro contato de Minas Gerais com o cinema ocorreu em uma cidade interiorana. “Menos de dois anos após a famosa sessão que Louis Lumière fez realizar no Boulevard des Capucines, em Paris, em dezembro de 1895, Juiz de Fora tornava-se a primeira cidade mineira a exibir o Cinematógrafo Lumière. Foi no dia 23 de julho de 1897, sob o patrocínio da companhia de variedades de Germano Alves” (GOMES, 2008, p. 21). Antes disso, no âmbito brasileiro, a invenção fora exibida na então capital federal, Rio de Janeiro, em 1896.

A década em que o mundo viu surgir uma das maiores invenções, a desenvolvida pelos irmãos Auguste e Louis Lumière, ainda reservava melhoramentos à cidade mineira de Araxá, antes que ela fosse estruturada para ver (e ter) cinema. Assentada por pecuaristas e tropeiros na segunda metade do século XVIII e decretada cidade em 19 de dezembro de 1865, foi somente nas últimas duas décadas do século XIX que o município passou a se expandir, recebendo imigrantes estrangeiros e esboçando e se preocupando com a estrutura de seus contornos urbanos - ruas, praças, casas e hotéis (LIMA, 2007, pp. 37-38). No período da primeira metade do século XX, a cidade

¹ E-mail: amanda.cargomes@gmail.com

se expandiu em vários aspectos na direção da aspirada modernidade e é nele que se concentra o seu desenvolvimento social, bem como o surgimento das salas de cinema, notando certo intento de transformar Araxá em um polo turístico e cultural.

A CIDADE E O CINEMA NA ARAXÁ DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

A cidade de Araxá localiza-se no sudoeste do estado de Minas Gerais, na região do Alto Paranaíba, elevada a 973 metros, com um horizonte vasto, planícies e terras férteis. Herdou em seu nome a tradição tupi significando Araxá, por extensão, como “um lugar alto onde primeiro se avista o sol”. Por suas colinas, de fato, habitou a tribo Arachás antes que pecuaristas fossem atraídos pelas águas minerais e saliníferas da região onde hoje é o Barreiro, e se instalassem construindo fazendas.

Em meados do século XIX, as águas minerais pararam de servir à atividade pecuária, pois os criadores de gado passaram a adquirir o sal vindo do transporte ferroviário. Elas, então, passaram a ser de uso medicinal e, dada a inauguração das estações da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro nas proximidades da cidade (em Jaguará, Sacramento e depois Uberaba), não só o comércio foi facilitado, como também a imigração (LIMA, 2007, p. 35). Houve uma ascensão turística sem igual, fazendo aportar na cidade os “aquáticos”, ou seja, os turistas que visitavam Araxá em busca de tratamento e veraneio (FRANÇA, 2015, p. 34).

A população ansiou por vários anos a construção da linha férrea em Araxá e, enquanto as obras não se encaminhavam, intensificou-se o serviço de autoviação, que levava de automóvel as pessoas até as fontes termais ou mesmo à estação mais próxima, de Sacramento, que distava 100 km e fazia ligação com São Paulo. “Ocorre que, desde 1919, os moradores e os aquáticos que vinham em busca das águas e de saúde frequentavam o cassino Colombo, de propriedade de Luiz Colombo. [...] Em pouco tempo, Araxá se tornou reduto da elite cafeeira paulista” (FRANÇA, 2015, p. 101), que visitava a cidade para jogar e repousar nas termas.

A Câmara Municipal proveu a cidade dos serviços de telefonia (a partir de 1906), água potável (em 1909) e eletricidade (1914) (LIMA, 2007, pp. 53-54), antes da criação da Prefeitura, em 1915. De toda a forma, eram serviços caros e precários, que foram melhorando durante as décadas seguintes. Até mesmo a implantação da rede elétrica não foi bem recebida pela população e imprensa, no que diz respeito à localidade do prédio da subestação de luz.

A construção foi aprovada pelo então Presidente da Câmara, Dr. Franklin de Castro, a ser feita no meio da Praça da Matriz, hoje Praça Coronel José Adolpho. A frase “[...] vai se fazer isso em meio de nossa principal praça que será ajardinada - ponto de passeio logradouro público, onde as famílias virão se divertir sob a ameaça constante da morte certa que um fio desprendido poderá atirar-lhes sobre a cabeça” (DE MAL, 1914, p. 1) demonstra o forte tom usado pelos redatores do

jornal *Correio de Araxá*² que não aprovavam em nada a instalação, acreditando que o prédio obstruiria o local mais frequentado da cidade.

Enfim, a Estação Ferroviária Oeste de Minas (Figura 1) foi inaugurada no ano de 1926 em Araxá. A praça em torno dela, posteriormente batizada de Praça Arthur Bernardes em referência ao mineiro presidente durante o período (1922-1926), “modelou-se entre dois importantes referenciais urbanos: a Igreja Matriz de São Domingos - em construção - e o ponto inicial da estrada do Barreiro, ou seja, em direção às fontes de águas minerais” (LIMA, 2007, p. 89).

A rede de esgoto e o calçamento vieram a ser implantados no decorrer da década de 1930, período que trouxe também outras novidades para Araxá, como a criação de clubes, reorganização da Associação Atlética Araxaense e construção do Complexo Termal do Barreiro, inaugurado na década seguinte (Figura 2). O hábito da jogatina, como visto, já atraía turistas e pessoas da elite há anos. Com a construção do Grande Hotel e de seus luxuosos salões, viveu-se um período favorável para os jogos de azar, mas que durou pouco tempo, uma vez que, na gestão do presidente Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), proibiu-se o jogo no Brasil em 30 de abril de 1946. “Encerrava-se uma era iniciada em 1933, em que a indústria do turismo associado ao jogo movimentou mercado de luxo e lucros, e influenciou as artes em geral” (SÁ-FORTES, 2014, p. 272).

Figura 1: Estação Ferroviária Oeste de Minas e Praça Arthur Bernardes. Ao lado esquerdo, residência do engenheiro ferroviário Almeida Campos, diretor da Estação.



Fonte: FCCB.

² O *Correio de Araxá* é atualmente o jornal mais antigo em circulação na cidade. Foi inaugurado em 1913, sob direção de João Jacques Montandon, redação de Heitor Montandon e gerência de Antonio Ribeiro da Silva, parando em 1916. Voltou a circular em 1927, com o gerente Manoel Guedes, e logo parou também. Somente da terceira vez, através do professor Joaquim Ewandinak Porfirio de Azevedo (“seu” Wande) e Atanagildo Córtes, que passou a ser semanalmente circulado, estando com a família deste último até hoje.

Figura 2: Vista aérea do Complexo Hidrotermal do Barreiro. Ao centro, o Grande Hotel e abaixo, com estrutura ondulada, a Fonte Andrade Júnior.



Fonte: FCCB.

As rodovias Araxá-Franca e Araxá-Uberlândia foram projetos implementados entre as décadas de 1950 e 1960 que possibilitaram novas ligações à cidade balneária. A rodovia que liga as duas cidades mineiras teve suas obras iniciadas em meados de 1960 (CORREIO DE ARAXÁ, 1960). A cidade de Franca se configura como o local por onde Araxá converge com o estado de São Paulo e também com o sul de Minas, região famosa por suas águas. O início da construção foi em 1952, sob a “vultosa verba de três milhões de cruzeiros”, sendo construídos “100 quilômetros do trecho mineiro” (JORNAL DE ARAXÁ, 1952), mais que a metade de todo o trajeto que liga as duas cidades. Porém, as obras ficaram paradas até que, em 1959, cidades triangulinas enviaram um apelo ao governador Bias Fortes para o término da rodovia (CORREIO DE ARAXÁ, 1959, p. 4), que seguiu ainda aos poucos pelos dois lados do Rio Grande.

Além das atividades agropecuárias e turísticas – esta última se sobrepondo à primeira durante as décadas de turismo de lazer nas fontes termais – uma nova produção despontou com o descobrimento do nióbio no município: a mineração. Durante a década de 1950 chegaram as empresas mineradoras, as quais “trouxeram um incremento econômico e populacional considerável para a cidade, assim como mudanças na estrutura social” (FCCB, 2010, p. 59). Em síntese, o tópico sobre os “diversos aspectos do município”, presente na Enciclopédia dos municípios brasileiros do IBGE, descreve pontos relevantes sobre a Araxá daqueles tempos:

Araxá, situada em região propícia à exploração de águas minerais, encontrou, ainda no seu passado, elementos que possibilitaram sua atual posição de um dos mais importantes centros de turismo do país. Herdeira de uma história aristocrática, palco de importantes

acontecimentos políticos, pode, no presente, manipular com maestria a tradição mineira da hospitalidade, fornecendo ao veranista visitante um ambiente ideal para descanso ou tratamento. Sua paisagem urbana é, a um só tempo, bela e agradável. Ruas paralelas, amplas, permitem uma eficiente circulação. A Praça Benedito Valadares constitui para o visitante um atrativo permanente, com seu ajardinamento feito em linhas geométricas. O centro principal do turismo da cidade está no “Balneário Águas de Araxá”, construído em 1938 pelo governo de Minas. Dispõe o estabelecimento de instalações luxuosas, estando, portanto, qualificado a fornecer todo o conforto. Conta o Município 696 telefones, 3 hotéis, 6 pensões e 4 *cinemas* [grifo nosso]. Para assistência médica há 1 hospital com 72 leitos, 3 serviços de Saúde, 16 médicos no exercício da profissão. O setor cultural é representado por 1 radioemissora, 5 bibliotecas, 1 tipografia e 3 livrarias (IBGE, 1959, p. 105).

Estes são, portanto, aspectos que se destacavam no município, onde os cinemas estão inclusos em meio às características modernas, como o telefone; turísticas, como os hotéis e pensões; e culturais. É inegável que o intuito de progredir como cidade balneária e turística fez com que toda uma estrutura fosse desenvolvida para melhor receber os visitantes, o que beneficiou também os araxaenses, visto que a população era de 27000 em 1956 (sendo aproximadamente 22000 no perímetro urbano), na qual dispunha de 4 cinemas e de diversos outros serviços (Figura 3). Adentremos, então, nos ambientes dos cinemas de rua de Araxá, levantados através do acervo de jornais e revistas da Fundação Cultural Calmon Barreto e de entrevistas colhidas com Celuta Rezende e as irmãs Rasma e Regina Porfírio de Azevedo.

Figura 3: Tabela com as características da cidade de Araxá nos anos 1950.

ARAXÁ		
Altitude na cidade	970 metros	
Altitude no Barreiro	920 metros	
Área do município	1.373 metros ²	
População do município	27.000	
População da cidade	22.000	
DIVERSÕES		
Clube Recreativo	1	
Cinemas	4	
Bandas de música	2	
Estádios	2	
Praças de esportes	2	
Entidades esportivas	9	
RADIO DIFUSÃO		
ZYI-4 - Rádio Imbiára de Araxá	1	
PROFISSÕES LIBERAIS		
Médicos	18	
Dentistas	15	
Advogados	7	
Engenheiros	6	
Construtores	8	
Contadores	42	
Farmácias	7	
Drogarias	2	
Laboratório Ind. Farmac.	1	
Laboratórios de análises	3	
Instituto de Radiologia	1	
EDUCAÇÃO E CULTURA		
Grupos escolares	2	
Escola Normal	1	
Ginásios	2	
Escola Técnica de Comércio	1	
Escolas Municipais	12	
ASSISTÊNCIA SOCIAL		
Hospital	1	
Centro de Saúde	1	
Lactário	1	
Ambulância	1	
Asilo	1	
Orfanato	1	
ASSOCIAÇÕES		
Médicas	2	
Farmacêutica	1	
Odontológica	1	
Damas de caridade	1	
Rural e Comercial	2	
Gremio escolar	1	
DIVERSOS		
Bancos	5	
Hotéis e pensões	12	
Aeroporto	1	
Aero-Clube	1	
Estação Rodoviária	1	
Estação Ferroviária	1	
Agências de Navegação Aérea (Nacional e Vasp)	2	
Viação Santa Marta (para diversas cidades)	1	
Propriedades rurais	800	
Casas comerciais	350	
Indústrias	18	
Indústria de Fertilizantes (FERTIZA)		
TERMAS (águas sulfúrea e radioativa, e lama).		

Fonte: ROTARY CLUB DE ARAXÁ, 1956, p. 4.

CINEMA-ARAXÁ

Em 1913, antes mesmo de Araxá possuir eletricidade, a cidade passou a contar com um cinematógrafo. Denominado Cinema-Araxá, este primeiro cinema foi aberto pelo Dr. Laudelino Gomes de Almeida, “médico, operador e parteiro” como o descrevem os anúncios de seu serviço no jornal *Correio de Araxá*. Inicialmente, as exibições funcionaram “no tosco casarão do largo d’Abadia que costuma se adornar com a perifrástica denominada Teatro” (CORREIO DE ARAXÁ, 1913, p. 1) e se inseriam como um dos aspectos de “modernice” que despontavam na cidade, como apontou o redator de pseudônimo X na coluna “Notas de um errante”:

[...] temos 60 estabelecimentos comerciais, 18 de 1ª classe e de 2ª os restantes, todos mantendo regulares “stocks”; 5 farmácias de primeira ordem, sortidas a capricho; 4 alfaiatarias, uma das quais sustentando, permanentemente, o elevado número de 12 oficiais; 2 fábricas de cerveja cujo produto... é bem tragável; uma livraria com topografia de obras; uma máquina de manteiga com motores a vapor; 2 hotéis bem confortáveis; 1 cinematographo permanente [grifo nosso], 7 olarias, 2 padarias, bilhar, barbearias, selarias, sapatarias, etc.; 4 médicos proficientísimos, 5 dentistas com gabinetes bem montados e 2 advogados. A instrução publica é ministrada pelo Grupo Escolar Delfim Moreira, de 8 cadeiras (CORREIO DE ARAXÁ, 1913, p. 1).

Ainda segundo o texto, Araxá era talvez a segunda maior do Triângulo, com “cerca de 700 habitações contando-se os casebres e as cabanas” e população “superior a 4500 almas, elevando-se cada vez mais, num crescendo o mais prometedor”. Outro fator do progresso estaria “no gosto, de dia para dia mais apurado, que preside à escolha das *toilettes* das gentis araxaenses, acompanhadas de perto dos rapazes”. O autor defende que as roupas, assim como a poesia e a dança, são “particularidades de caráter de um povo, dos quais se pode coligir com segurança, o grão de seu adiantamento e civilização” (CORREIO DE ARAXÁ, 1913, p. 1).

O advento do cinema foi a sinalização de novos tempos, tempos modernos, e trouxe consigo mudanças na prática da sociabilidade e no modo de enxergar o mundo. “Frequentador assíduo dos cinemas, Ruy Barbosa admitia: ‘No cinema viajo longas terras, vejo mundos por onde nunca me seria dado transitar’” (FREIRE, 2012, p. 70). Por ocasião de sua terceira candidatura à presidência, o retrato do republicano foi projetado no Cinema-Araxá em 13 de julho de 1913 (CORREIO DE ARAXÁ, 1913, p. 2).

O funcionamento deste cinema era aos sábados e aos domingos (em 1915 acrescentaram-se as quintas-feiras), geralmente com um programa composto de cinco fitas. Mas também ocorriam programas duplos, como o do dia 8 de junho de 1913, em que se destacou a fita *Destruição de Troia*, provavelmente *La Caduta di Troia* (Giovanni Pastrone, Itália, 1911), com 700 metros e apresentado em duas partes. Nos dois primeiros dias de fevereiro de 1914, foi exibida uma das versões da aclamada adaptação *Quo Vadis?*, que talvez seja o longa italiano de Enrico Guazzoni (1913) (CORREIO DE ARAXÁ, 1914, p. 1).

No mesmo ano, ainda no teatro, foi instalado um projetor com motor à gasolina, levado posteriormente para o prédio próprio construído na Rua do Comércio, hoje Dr. Franklin de Castro, inaugurado em 20 de janeiro de 1914. Nesta data a casa estava cheia, sendo necessário abrir três grandes respiradouros do lado da rua lateral, em virtude do calor e abafamento sentidos pelos presentes (CORREIO DE ARAXÁ, 1914, p. 1).

Em 1915, Laudelino Gomes mudou-se para a cidade de Franca, e a “casa de diversão” passou a ser gerida pelo fotógrafo Theotonio Simões. Com a nova gerência, os espetáculos passaram para as sete horas da noite, ao invés das nove. O médico proprietário enviou cem novas cadeiras para substituir as bancadas incômodas, “só usadas no circo ao ar livre” e também foram construídos dois cômodos ao lado do cinema para café e outras atividades. Com esse anúncio, o jornal *Correio de Araxá* noticiou: “[...] Nada ficará, pois, faltando ao nosso cinema, cujo edifício é um dos melhores do Triangulo e que recebe semanalmente os filmes com que deleita seus *habitués*” (CORREIO DE ARAXÁ, 1915, p. 1).

Um mês depois, já com as cadeiras colocadas, foi posta a nota:

Esta boa casa de diversão está em maré de prosperidade. Depois que ali se colocaram as 100 cadeiras, são elas preenchidas todos os sábados e domingos, sobrando ainda espectadores para o resto das inglórias bancadas. Também o serviço técnico vai atingindo a perfeição, satisfazendo ao publico que dá por bem empregado o “mil réis” da entrada (CORREIO DE ARAXÁ, 1915, p. 2).

Novas reformas foram feitas em 1916 para a melhoria do salão, agora com a capacidade para 400 pessoas, além de “uma cabine feita especialmente para evitar o perigo de um incêndio de fitas” e três novos salões de espera e diversão anexados (CORREIO DE ARAXÁ, 1916, p. 1). No dia 4 de maio de 1916, “inaugurando o seu bar-botequim, essa excelente casa de diversão deu [...] uma artística função, sendo distribuídos bombons às crianças e um ‘copo d’água’ aos cavalheiros” (CORREIO DE ARAXÁ, 1916, p. 1).

Durante seus anos de funcionamento, o espaço recebeu variadas diversões, como peças teatrais, apresentações de mágica, orquestras e palestras científicas. Isso revela que, apesar da instauração tardia do serviço cinematográfico na cidade – em um segundo momento do “primeiro cinema” quando a linguagem passa a ser moldada a certa narratividade e formalidade, e a produção se volta cada vez mais à industrialização –, ainda é possível ver no funcionamento do Cinema-Araxá uma relação de proximidade com o aspecto de atração muito típico dos primeiros anos do cinema.

Sessões filantrópicas ocorriam com certa frequência, majoritariamente às quintas-feiras, e uma dessas aconteceu no dia 28 de julho de 1916 em benefício da Santa Casa de Misericórdia, que passava pela construção de seu novo prédio. “O aluguel das fitas foi dado gratuitamente pelo distinto proprietário do Cinema-Araxá dr. Laudelino e não só a banda de música sob a regência do maestro Elias Porfírio como a orquestra sob a batuta do maestro Maciel prestaram o seu brilhante concurso gratuitamente” (CORREIO DE ARAXÁ, 1916, p. 2). Adicionado os donativos e deduzidos os custos do cinema, arrecadaram-se 222\$100 réis.

Segundo Marques, há evidências de que o Cinema-Araxá tenha sido comprado e renomeado para Cine-Capitólio (2005, p. 35) e o arrendamento pode ter sido feito pelo maestro Elias Porfírio de Azevedo, já proprietário do Cine Trianon (Figura 4). Em conversa com uma das netas do maestro, Rasma Porfírio de Azevedo, ela confirma que seu avô era dono do cinema que existia na rua abaixo de onde ela mora – a Dr. Franklin de Castro, antiga Rua do Comércio -, e que os filmes exibidos eram ainda mudos, com narração do próprio Elias Porfírio. Certo dia, sem conseguir ver o filme antes, o Maestro improvisou ao ver na tela um leão e um lago dizendo: “o leão vai tomar água”. Só que ele não esperava que o leão, na verdade, só iria até o meio do caminho e voltaria para trás. Assim, o narrador logo negou: “e o leão resolveu não tomar mais água” (AZEVEDO, 2017).

Figura 4: Capa e contracapa do programa recreativo-social exercido pela União de Moços Católicos de Araxá no Cine-Capitolio.



Fonte: Acervo de Silvanita Marques.

CINE TRIANON

O maestro Elias Porfírio de Azevedo era um industrial abastado, dono de vasta cultura. Com sua esposa Maria Dolores de Ávila, também musicista, tiveram dez filhos, dos quais seis integravam a Banda Santa Cecília, mais tarde chamada de Orquestra Irmãos Porfírio. Dirigindo os filhos, Elias e sua banda tocavam no Cinema-Araxá como acompanhamento dos filmes. “Segundo informações de contemporâneos, ouviam-se trechos de óperas, de operetas, marchas, tangos argentinos e brasileiros” (FCCB, 2010, pp. 40-41).

No ano de 1910, o maestro teve a iniciativa de construir um cine-teatro no terreno logo acima de sua residência, na Avenida da Abadia, atual Antônio Carlos. Porém, o projeto caminhou a passos curtos e o espaço somente foi aberto em 1922. Sob o epíteto de Cine Trianon, o prédio de

estilo neoclássico possuía sala de espera, salão, frisas laterais, camarotes, galeria, palco com tela e poltronas removíveis, vindas de fora (Figura 5). A partir de entrevista com Rasma, uma das netas do maestro, ela conta que no ano de 1925 foi realizado o casamento de sua tia Cecília no local (AZEVEDO, 2017). Rasma ainda acrescenta que, para a época, foi um investimento muito grande e dependeu da venda de um pasto para ser finalizado. “O prédio é a réplica do Trianon de Paris. Veio um arquiteto do Rio para fazer a acústica dele. Ele levou nove anos pra fazer esse prédio... Até eles contam que os pedreiros chupavam laranja lá quando estavam fazendo, e as laranjas deram [várias vezes] e o Trianon não tinha ficado pronto ainda” (AZEVEDO, 2017).

Figura 5: Fachada do Cine Trianon, meados de 1920.



Fonte: FCCB.

Os programas exibidos eram os de Francisco Serrador, empresário que veio a ser detentor do maior circuito exibidor do país. Em consulta aos jornais *Cidade de Araxá* e *Correio de Araxá*, destacamos algumas fitas cinematográficas que foram exibidas no Cine Trianon. São elas: “A viúva alegre” (*The Merry Widow*, Erich von Stroheim, EUA, 1925), “Berlim, sinfonia de uma metrópole” (*Berlin: Die Sinfonie der Großstadt*, Walter Ruttmann, Alemanha, 1927) e uma outra versão de *Quo Vadis?* (Gabriellino D’Annunzio, Georg Jacoby, Itália, 1925).

O governo de Minas Gerais, em 1927, propôs um aumento de 300% do selo de diversão, o que afetava os donos das casas de cinematógrafo. Na cidade de Uberaba se reuniram alguns proprietários de cinema da região do Triângulo Mineiro para formular um acordo com o presidente do estado, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, que fosse capaz de minimizar o imposto. “Esse aumento [...] será cobrado dos espectadores, passando as entradas de dois mil a 2\$400 [...]. O proprietário do Trianon, desta cidade, seguiu também para aquela cidade onde procurará corresponder à confiança dos seus colegas” (JORNAL DE ARAXÁ, 1927, p. 1). De toda forma, as sessões no Cine Trianon eram

sempre noticiadas como um sucesso de casa cheia. “Na noite da exibição dos primeiros episódios do ‘Homem da Meia Noite’ muito antes de começar o espetáculo, não havia um único lugar vago”, dizia uma nota no *Correio de Araxá* que retomava novamente suas atividades naquele ano de 1927. Apesar dos elogios prestados, também publicavam reclamações, como no final da mesma nota em que se sugeria a colocação de uma nova tela, em virtude de manchas aparentes que atrapalhavam a projeção (CORREIO DE ARAXÁ, 1927, p. 2).

Enquanto o cinema sonoro manifestava-se como uma nova atração, colocando de cabelos em pé os exibidores que tiveram de trocar seus projetores por novos e caros aparatos, em Araxá a novidade ainda demoraria a chegar, mas surgiria outra, a do “cinema falante”:

[...] O gostoso dos filmes é deixar o espectador suspenso, numa dúvida saborosa, aflita, angustiante, às vezes, mas que sempre se desata num suspiro satisfeito de alívio. Mas isso é nas plateias de outros lugares, não aqui em Araxá, no Trianon, onde há certas pessoas idiotas ou sem educação que devorando a “Scena Muda” e outras revistas cinematográficas vão ali, como intérpretes irritantes, explicar tim-tim por tim-tim o enredo das cenas enquanto estas se desenrolam... Essa gatinha juntamente com os boçalíssimos marmanjos que marcam o compasso da orquestra com as patas no assoalho devem procurar na Livraria França um manualzinho chamado Don’t que ensina a ser educado e não incomodar o vizinho no cinema... (CORREIO DE ARAXÁ, 1929).

Simultaneamente ao desgosto do redator do jornal em relação ao comportamento do público dos cinemas, a cidade viu surgir um novo tipo de comportamento social: o *footing*.³ Sempre aos domingos e feriados, a elite se concentrava na Avenida Antônio Carlos, “lançando as vistas nos autos que chegam e partem para o Barreiro, subindo e descendo, incansável, a avenida” (CIDADE DE ARAXÁ 1929, p. 1). É importante lembrar que, nesse local, se situavam algumas casas de diversão, incluindo o Cine Trianon. Como melhoramento, o *Cidade de Araxá* sugeriu a colocação de “passeios laterais aos canteiros que ornar o centro da avenida. Esses passeios agradariam a população que ali faz o *footing* domingueiro, embelezariam a nossa maior avenida e dariam um aspecto ainda mais agradável àquele jardim que a orna” (*ibidem*).

O Trianon passou por reformas e melhorias durante a década de 1930 e foi reaberto em 1939, vindo a ser administrado pelos filhos do maestro, Joaquim Ewandinack (Wande) e Genaro Porfírio de Azevedo. O cinema agora contava com o sistema de projeção contínua, de aparelhagem dupla: projetor Simplex e som R.C.A., da norte-americana Radio Corporation of America. Na data de sua reabertura foi exibido o filme “Lafitte, o corsário” (*The buccaneer*, Cecil B. de Mille, EUA, 1937), “grande sucesso da Paramount Pictures” (GÉA, 2016, p. 73).

Nos anos 1950, a firma Irmãos Porfírio de Azevedo gerenciava a sala ao mesmo tempo em que estava à frente do Cine-teatro Araxá. O Trianon ficou vários anos arrendado pela Empresa Teatral Paulista. Porém, os irmãos, no final de 1959, retomaram a exploração desta sala, permanecendo “a mesma programação do circuito da E.T.P. no ‘Trianon’ e também no Cine-teatro Araxá, do Barreiro”

³ Por *footing* nos referimos à prática muito comum das primeiras décadas do século XX, em que as pessoas andavam, se exibiam e até flertavam entre as ruas da cidade. Estrangeirismo da língua inglesa que significa dar um passeio a pé.

(CORREIO DE ARAXÁ, 1959, p. 1). De acordo com Regina Porfírio de Azevedo (2017), uma das netas do fundador, a campainha que anunciava o início da sessão era a música “Barril de Chopp”, isto é, a tradicional música alemã *Beer Barrel Polka*.

O Cine Trianon, enquanto investimento do maestro Elias Porfírio de Azevedo, contribuiu para o crescimento urbano e turístico de Araxá, além de perpassar os sentimentos de grande parte dos araxaenses que por lá visitavam. Com os donos já idosos e sem condições, esse notável cinema foi vendido em 1970 para o Banco do Brasil, vindo a ser demolido em 1972, para abrigar uma agência (Figura 6). Dessa maneira, ficou em funcionamento por quase meio século, deixando apenas recordações àqueles que o frequentaram.

Figura 6: Esquina do Antigo Cine Trianon. 2019. Foto de Amanda Gomes.



Fonte: Acervo próprio.

CINE-THEATRO GLÓRIA, POSTERIOR CINE-THEATRO MUNICIPAL, E O PRESENTE CINE-TEATRO BRASIL

A antiga Rua Boa Vista, hoje Presidente Olegário Maciel, constituía-se, nos anos 1920, como uma das principais ruas de Araxá. Segundo Lima (2007), apesar de não ser “[...] exatamente central, considerando-se a extensão urbana de então, esta rua foi uma das primeiras a receber calçamento nos anos 30” (p. 111). O terreno que no presente abriga o prédio do Cine-teatro Brasil era, até final do ano 1920, patrimônio da Paróquia de São Domingos e foi vendido para João Fagundes de Cerqueira, que construiu uma casa onde atualmente é o cinema. Sob posse da família Fagundes, o imóvel residencial foi vendido, em 10 de maio de 1929, para a firma Arnaldo Araújo e Irmãos (Agenério e Agenor de Braga Araújo), que logo implantaram um “arrojado empreendimento”: a edificação do Cine-theatro Glória (O TREM DA HISTÓRIA, 1997, p. 4).

“Naquele tempo, não se encontrava por aqui um engenheiro ou arquiteto com facilidade e, quando aparecia um, cobrava muito caro. Então o construtor da obra foi o araxaense Valentino Antônio Sena, famoso construtor de Araxá” (ARAÚJO, 2016, p. 62). O edifício “cujo espaço destinava-se, no térreo, a cinema e teatro, salão de jogos, bar, cabaré (ao fundo)” e “um grande salão para a realização de bailes” no primeiro andar (O TREM DA HISTÓRIA, 1997, p. 4), menos de um ano depois de registrada a aquisição do terreno da família Fagundes, já estava pronto. Graças à consulta no jornal *A Opinião*⁴ foi possível atestar a data de inauguração do cinema: 9 de março de 1930.

Com um espaçamento de mais ou menos uma década entre as inaugurações das salas em Araxá, o Glória veio em uma nova fase da história do cinema, uma época de advento do som. A mudança para o sistema sonoro no circuito exibidor do Brasil necessitou de tempo, ocorrendo de forma gradual, e acabou fechando muitas salas. No entanto, mesmo não sendo possível determinar exatamente quando o cinema dos irmãos Braga de Araújo fora dotado de projeção sonora, é factível que este o mantinha depois de 1932, pois anúncios e notas em *A Opinião* exaltam a aparelhagem sonora da sala, como mostra o exemplo a seguir, publicado em sua coluna social:

Transcorreu a 9 do corrente o segundo aniversário do Cine-theatro Gloria, dos srs. Arnaldo Araujo & Irmãos, desta praça. Comemorando a auspiciosa data, os seus proprietários deram um espetáculo de gala, a que acorreu o mais representativo elemento araxaense. Foi exibido o belo filme “Sedução de Mulher” que imensamente agradou, mesmo porque, reajustados devidamente por hábeis mecânicos, para isto, vindos do Rio, ali tem o publico de Araxá perfeitos aparelhos de cinema falado e sonoro, igual aos melhores que possuem as nossas capitais e os grandes centros. (A OPINIÃO, 1932).

O filme projetado neste aniversário de dois anos originalmente chama-se *Lasca of the Rio Grande* (Edward Laemmle, EUA, 1931), um faroeste, gênero popular entre seus frequentadores. Levando em conta o ano dessas informações, pode-se considerar o Cine Glória como o primeiro cinema de Araxá a ser adaptado ao sistema sonoro. Ademais, segundo estimativas de 1933, o cinema se inclui como um dos 658 cinemas brasileiros a possuir o equipamento (quase mil a menos do total de 1683), e um dos 107 dentre os 294 cinemas de Minas Gerais (CINEARTE, 1933, p. 37).

Apesar de todo o esforço e das páginas elogiosas em *A Opinião*, os irmãos Braga de Araújo tiveram de vender o Cine-theatro Glória, no referido ano de 1933. Um dos motivos foi a repercussão da crise de 1929, a qual impediu um suficiente retorno financeiro para o empreendimento. Pessoas que viveram naquela época também destacaram o papel conservador exercido pela Igreja, “que determinava os hábitos e os costumes de então” (O TREM DA HISTÓRIA, 1997, p. 4).

O prédio do Cine-theatro Glória, pela sua grande valorização, teve dificuldades para ser vendido. “Por isso, com a interferência do Senador João Jacques Montandon, representante de Araxá na Assembleia Legislativa do Estado no governo de Olegário Maciel, os irmãos Braga de Araújo venderam sua propriedade a um cliente à altura daquele patrimônio: o próprio estado de

⁴ O jornal semanário foi fundado em 17 de janeiro de 1932, por iniciativa do proprietário dr. José Carlos Pedro Grande, do diretor responsável dr. J.A. de Carvalho e Mello e pelo gerente Antonio Cabral.

Minas Gerais” (O TREM DA HISTÓRIA, 1997, p. 5). Doravante, representando o estado, o município administrou o edifício, sob a figura do prefeito Fausto Alvim. Eis que o imóvel passa a ser chamado de Cine-theatro Municipal, ou apenas Cine-Municipal.

De início, a sala de cinema foi alugada para terceiros e o bar/restaurante voltou a funcionar, juntamente com o salão de jogos (RENOVAÇÃO, 1934). Percebe-se, pelas programações publicadas no *Renovação*, que a Empresa Baroni já vinha alugando o cinema, e foi logo no início de 1934 que o Cine-theatro Municipal foi arrendado pela referida empresa, pelo prazo de um ano. O negócio de Ernesto Rosa e Dino Baroni já prosperava, pelos programas “caprichosamente escolhidos” e pela grande frequência nas sessões, como informou o jornal do dia 4 de fevereiro. Além disso, os redatores pontuaram: “[...] todos nós sabemos o que significa o cinema nas grandes capitais do nosso país. Se assim o é, se o cinema nos grandes centros ainda constitui uma das mais preferidas, senão a mais preferida de todas as diversões, para as nossas cidades do interior ele tem que ter, forçosamente, significação muito maior. Está, pois, de parabéns o povo de Araxá com esta nova” (RENOVAÇÃO, 1934).

Comparando o cinema com a literatura, o jornal da União de Moços Católicos *Almenara* publicou em sua capa uma rogatória à direção do Cine-Municipal: “[...] pedimos aos nossos distintos empresários exigir das firmas fornecedoras fitas para as famílias. Há dias foram exibidos filmes, que nas capitais traziam a recomendação “impróprio para adolescentes”. Aqui no entanto foram oferecidas ao público *sem ressalva alguma* [grifo do jornal]” (ALMENARA, 1935, p. 1). Abaixo do pedido – e nos números seguintes -, publicaram a classificação moral dos filmes, assim como também era divulgado no *Lar Católico*, de Juiz de Fora. No mesmo número, o jornal anunciou em sua coluna Voz Paroquial que os arrendatários prometeram “[...] envidar todos os esforços em favor do bom cinema” (ALMENARA, 1935, p. 4). Dessa forma, é possível notar certa articulação da empresa do Cine-Municipal com a Igreja quanto à programação exibida.

“Se o ano de 1937 terminou para o Brasil com o Congresso Nacional fechado, com uma nova constituição que privilegiava o poder executivo e com os partidos políticos dissolvidos e os meios de comunicação censurados, para Araxá foi marcado pelo nascimento do Clube Brasil” (O TREM DA HISTÓRIA, 1997, p. 5). O município, até então detentor do Edifício Glória, dispôs gratuitamente de todo o andar superior do prédio para o estabelecimento do clube, que foi inaugurado no salão do Municipal em 9 de outubro de 1937, “numa noite de gala, ao som de orquestra”. Sua comissão fundadora foi formada por onze membros: Dâmaso Drummond, Dr. Danilo Cunha, Dr. Antônio de Castro Botelho, Genaro Porfírio de Azevedo, Dr. Geraldo de Paiva Abreu, Jayme Dumont, Dr. José Maria de Lima Torres, Dr. Pedro de Paula Lemos, Dr. Tibúrcio Afonso Teixeira, Dr. Ubaldino Ribeiro e Dr. Walter Santos.

Um ano depois, Araxá carecia de verba para terminar a estrada Araxá-Catiara e apelou para o Governo Estadual, que autorizou que se vendesse o cinema, a um “preço mínimo de cento e cinquenta contos de réis”, a fim de se obter a renda para as obras. Sob concorrência pública, o Clube Brasil adquiriu o imóvel, após vender algumas ações, passando a administrar todas as instalações e a ter sua sede própria (O TREM DA HISTÓRIA, 1997, p.5). A essa altura, o Cine-theatro Municipal passou a ser chamado de Cine-teatro Brasil (Figura 7).

O salão do Clube Brasil foi um diferencial no prédio do cinema, visto que se promoviam bailes de carnaval, de formatura, concursos, desfiles de moda, etc. Entre os anos 1950 e 1960 ocorriam as Horas Dançantes, que eram bailes com música ao vivo feitos após as sessões de sábado, em que a lanterninha aposentada Celuta Rezende se recorda: “O pessoal que ia no baile já descia ali pra Boa Vista e ficava ali naquele movimento até começar o baile, ou senão alguém ia no cinema na primeira sessão e na hora que acabava ia para o baile” (REZENDE, 2017).

Esse movimento se refere ao *footing*, chamado à época de “vai e vem” da Boa Vista, feito pelos jovens à noite, sobretudo nos finais de semana e feriados. Um costume de passeio que se criou em torno daquele ambiente de diversão e que fez parte da história das pessoas que vivenciaram a Araxá daqueles dias. Outra lembrança que a ex-lanterninha Celuta e muitos araxaenses também têm é da matinê no Cine Brasil aos domingos. Ao mesmo tempo, segundo Lima (2007), a antiga Rua Boa Vista crescia em comércio e começava a possuir “[...] bares, cafés e confeitarias celebrizados pela população” (p. 135).

Desde que voltou a circular em 1957, o jornal *Correio de Araxá* somente publicou duas programações do Cine Brasil, no referido ano da sua retomada. Todavia, os dois anúncios são de grande relevância, pois exibem o cartaz dos filmes, diferente do que era comum se publicar, que era apenas uma lista com os nomes. Ademais, tais imagens estampam a grafia Cinemascope, que traz a suposição de que o Cine-teatro Brasil foi dotado desse sistema anos antes da sala do Cine-teatro Araxá do Barreiro, da mesma forma que o Trianon arrendado pela E.T.P também possuiu (Figura 8).

Figura 7: Fachada do Cine-theatro Brasil, no início da década de 1940.



Fonte: FCCB.

Figura 8: Programação do Cine Brasil na semana de 20 de outubro de 1957.

CINE BRASIL-Hoje:
Suplicio de Uma Saudade
As 15-17-19 e 21 horas

3.ª Feira —
Ódio entre as grades
Louis HAYWARD — Joanne DRU — Paul KELLY

4.ª Feira —
Vale da Decisão
GREER GARSON
GREGORY PECK

5.ª Feira —
Armado até os dentes
ROBERT MITCHUM
JAN STERLING

6.ª Feira —
Pórtico da Glória
— com JOSÉ MOJICA —

Sábado —
CRIMES VINGADOS
— TÉCNICOLO —
John AGAR - Mamie Van
DOREN - Richard BOONE

Domíngo —
ÁREIAS DO DESERTO
Ralph MEEKER - Maifa
ENGLISH - John CARRADINE

CINEMASCOPE
A PERFEIÇÃO do AMOR!
a SUPREMACIA da BELEZA!
o Egito em toda a sua GLORIA!

20th Century-Fox APRESENTA
A PRODUÇÃO DE DARRYL F. ZANUCK
O EGÍPCIO
Color DE LUXE THE EGYPTIAN

FOTOGRAFADO com as NOVAS e REVOLUCIONARIAS LENTES ANAMORFICAS em **CINEMASCOPE**

Jean SIMMONS
Victor Mature Gene TIERNEY
Michael Wilding Bella Darvi Peter USTINOV
Edmund PURDOM

DIREÇÃO MICHAEL CURTIZ

— **Aguardem... Dia 3 de Novembro** —

Fonte: CORREIO DE ARAXÁ (p. 6).

Nos anos 1980, o fechamento de salas de cinema foi uma tendência no Brasil, em consequência das políticas econômicas, inflação, sucateamento das salas, etc. Em 1984, o Cine Brasil sofria com a baixa frequência e fechou as portas. Em 1998, na administração do prefeito Olavo Drummond, o prédio foi reformado e tombado como Patrimônio Histórico, sendo renomeado como Casa do Poeta. Abrigou a Biblioteca Pública Municipal Viriato Correia, Biblioteca Infantil e de Braille, Academia Araxaense de Letras, Sala Clube Brasil, uma cafeteria (O TREM DA HISTÓRIA, 2000, p. 4), e o Cine-teatro Brasil foi arrendado pelo empresário Sérgio Abreu.

Em abril de 2015, após a abertura do Shopping Boulevard Garden, o contrato de arrendamento da sala não foi renovado pelo município e o cinema foi novamente fechado, permanecendo assim até os dias de hoje. Além disso, a partir de abril de 2019, a Biblioteca Municipal foi transferida em definitivo para sede própria na Avenida Getúlio Vargas, passando a Casa do Poeta a ficar desabrigada por completo. Cerradas permanecem as portas do mais duradouro cinema de rua da cidade de Araxá (Figura 9). Ele teve um começo difícil ante as dificuldades do pós-Depressão, em 1930, e enfrentou o conservadorismo social e religioso no período do Cine-theatro Glória, a primeira centelha da afloração cinematográfica-cultural que viria a ser o Cine Brasil. Com a administração municipal e com a vinda do Clube Brasil, novas páginas férteis foram escritas em sua história, as quais nunca serão apagadas da memória de várias gerações de araxaenses.

Figura 9: Fachada do Cine-teatro Brasil. 2019. Foto de Amanda Gomes.



Fonte: Acervo próprio.

CINE-TEATRO ARAXÁ

O projeto de elaboração da cidade balneária corria desde meados da década de 1920, mas somente foi reativado durante o governo de Olegário Maciel (1930-1933). A essa altura, a cidade passava pela gestão do prefeito Dr. Fausto Alvim (1930-1940) e quem chefiava as estâncias era o engenheiro José de Carvalho Lopes que, juntamente com o hidrólogo Andrade Júnior, desenvolveu o projeto do balneário. Quem assinou o projeto arquitetônico das Termas e do Grande Hotel foi Luiz Signorelli, “já responsável por outros grandes projetos oficiais”. Os jardins e parque foram projetados por Roberto Burle Marx e a Fonte Andrade Júnior, inaugurada mais tarde, foi concebida por Francisco Bologna. Também compunham a equipe alguns artistas, como o pintor Rocha Ferreira (SÁ-FORTES, 2014, p. 270).

As obras começaram a ser efetuadas durante o primeiro governo de Getúlio Vargas e traduziram “os objetivos ideológicos dos governos do Estado Novo: a criação de alternativas na interiorização da economia, ao mesmo tempo em que alimentava o imaginário nacional com visões grandiosas da operosidade e das riquezas da natureza e da história do estado” (Sá-Fortes, 2014, p. 270). Os trabalhos duraram seis anos, de 1938 a 1944, e a inauguração aconteceu no dia 23 de abril de 1944, com a presença do então presidente, do governador Valadares e do prefeito de Araxá, Álvaro Cardoso (FRANÇA, 2015, p. 76). As obras continuaram para a conclusão do Grande Hotel (1945) e da fonte de água sulfurosa Andrade Júnior (1947).

Juntamente com a inauguração do Grande Hotel, Araxá ganhou mais um cinema. Nomeado como Cine-teatro Araxá, a sala está presente dentro do hotel em meio a outros luxuosos salões. Durante seus anos de funcionamento, foi sinônimo de sofisticação tanto para os moradores como para os turistas, possuindo “[...] 403 lugares e poltronas de couro” (FRANÇA, 2015, p. 81), estofadas, diferente dos cinemas do centro da cidade, como afirma Regina Porfírio de Azevedo, neta do maestro Elias, em entrevista. Outro ponto que ela se lembra é que as hóspedes do hotel frequentavam as sessões bem vestidas, de vestido longo, visto que também iam jantar no restaurante (AZEVEDO, 2017).

As programações da semana eram bastante divulgadas na imprensa, sobretudo pelo *Correio de Araxá*, que voltou a circular em 12 de maio de 1957 e permanece de maneira ininterrupta até os dias de hoje. O cinema possuía sessões diárias, às 20h45, ocorrendo de vez em quando sessões duplas aos domingos, vespertinas inclusive.

No começo da década de 1950, uma nova invenção foi criada dentro dos estúdios de Hollywood, muito em vista do aparecimento da TV em cores e do declínio do *studio system*: o Cinemascope. O novo sistema, de lentes anamórficas, tela panorâmica e um só projetor, foi instalado no primeiro semestre de 1959 na sala do Grande Hotel do Barreiro. O filme de estreia foi o faroeste da Warner Bros. “Montanhas em fogo” (*The Burning Hills*, Stuart Heisler, EUA, 1956) (CORREIO DE ARAXÁ, 1959, p. 1).

A Empresa Irmãos Porfírio de Azevedo, arrendatária daquela casa de diversões, atendendo às justas aspirações dos seus frequentadores e não medindo sacrifícios de ordem financeira, adquiriu, por sua própria conta, todo o equipamento necessário, que inclui, além das objetivas apropriadas, tela plástica de material irradiante e conjunto para projeção de alta intensidade luminosa. [...] Eis uma notícia que certamente será recebida com muita satisfação pelos amantes da sétima arte, principalmente agora que se cogita incrementar o turismo na “maior e mais bela estância hidromineral do continente”. (CORREIO DE ARAXÁ, 1959, p. 1).

No final dos anos 1960, conforme depõe a ex-funcionária do Cine-teatro Brasil Celuta Rezende, a sala do Grande Hotel do Barreiro passa a ser administrada pelos mesmos arrendatários do Cine Brasil, os senhores Geraldo Porfírio Botelho, Holmísio de Melo e José Abdanur, e contava com a mesma programação do cinema do centro (2017). Em seu acervo, a lanterninha aposentada guarda uma programação da primeira quinzena de fevereiro de 1979 daquela sala, à época renomeada como Cine Centenário, que menciona, entre outros filmes, a estreia de “A vingança do dragão” (*Xiao Quan*

Guai Zhao, Jackie Chan, Kenneth Tsang, Hong Kong-Coréia do Sul, 1979), o brasileiro “Marcados para viver” (Maria do Rosário, 1976) e o italiano “Pasqualino sete belezas” (*Pasqualino Settebellezze*, Lina Wertmüller, Itália, 1975) (Figura 10).

Atualmente, o espaço é denominado Cine-teatro Tiradentes e é utilizado somente para shows e demais eventos programados pelo Grupo Tauá Resorts. Destaca-se que há alguns anos, entre os dias 10 e 16 de setembro de 2012, a sala comportou o 1º (e único até então) Araxá Cine Festival (Figura 11), idealizado pela produtora-executiva Débora Torres, com a presença de vários realizadores do cinema brasileiro.

Figura 10: Destaque da programação da primeira quinzena do mês de fevereiro de 1979.

Cine Centenário Grande Hotel - Barreiro	Dia 1.º - 5a. feira - 21 horas:	Clinica com Música	
	Dia 2 - 6a. feira - 21 horas:	Visitantes na Noite	
	Dia 3 - Sábado - 21 horas:	S. O. S. - Submarino Nuclear	
	Dia 4 - Domingo - 21 horas:	A Vingança do Dragão Chinês	
	Dia 5 - 2.a feira - 21 horas:	Parada 88	
	Dia 7 - 4.a feira - 21 horas:	O Maior de Todos	
	Dia 8 - 5.a feira - 21 horas:	007 Contra o Homem da Pistola de Ouro	
	Dia 9 - 6.a feira - 21 horas:	O Perseguidor Implacável	
	Dia 10 - Sábado - 21 horas:	Um Marido Contagante	
	Dia 11 - Domingo - 21 horas:	O Lamparina	
	Dia 12 - 2.a feira - 21 horas:	Marcadas para Viver	
	Dia 14 - 4.a feira - 21 horas:	O Vingador Mascarado	
	Dia 15 - 5.a feira - 21 horas:	Pasqualino sete Beleza	
			<small>OBSERVAÇÃO: A Empresa reserva o direito de alterar a programação, quando necessário.</small>

Fonte: Acervo de Celuta Rezende.

Figura 11: Entrada principal do Cine-teatro Tiradentes por ocasião do 1º Araxá Cine Festival.



Fonte: Aurora de Cinema⁵. Foto de Alex Silva.

⁵ Disponível em: <<https://auroradecinema.wordpress.com/tag/taua-grande-hotel-e-termas-de-araxa/>>. Acesso em: 13 de julho de 2019.

CINE-RÁDIO IMBIARA

Uma das primeiras emissoras radiofônicas do estado de Minas Gerais, a Rádio Imbiara foi inaugurada em 6 de agosto de 1946 pelos amigos e sócios fundadores Geraldo Porfírio Botelho, Dâmaso Drummond, Jayme Dumont, Danilo Cunha, Pedro de Paula Lemos, José Maria Santos e Walter Santos. “Antes só existiam, no estado, as Rádios Inconfidência, de Belo Horizonte, e a PR-5, da cidade de Uberaba”, contou a educadora e jornalista Regina Porfírio Botelho de Resende, atual proprietária da rádio, em entrevista à *Araxá em Revista* (RESENDE, 2016, pp. 70-71).

De início, a emissora atuava em um prédio da Rua Mariano de Ávila, esquina com a Rua Olegário Maciel. Na Rua Calimério Guimarães foi inaugurada a sede própria, no ano de 1951, onde funcionava a administração, os estúdios da emissora AM e abrigava um auditório com 450 poltronas em que eram apresentados shows, programas de calouros e festivais de música (JORNAL INTERAÇÃO, 2016). Além de tudo, o local também exerceu o papel de cinema entre 1952 até quase 1960, com programação diária (Figura 12).

No periódico *Jornal de Araxá* é possível encontrar divulgados os programas, que geralmente estão na última página junto de anúncios diversos, como de alfaiatarias, livrarias, bares etc., e charges. Na data do sexto aniversário da emissora, o referido jornal publicou “votos de longa existência para maior progresso intelectual de nossa gente” e apontou as dificuldades do papel cultural da imprensa do interior (JORNAL DE ARAXÁ, 1952, p. 2).

Figura 12: Fachada da sede da Rádio Imbiara, onde em seu auditório funcionou o Cine-rádio Imbiara. Década de 1970.



Fonte: Foto 91,5 FM IMBIARA.⁶

⁶ Disponível em: <<http://radioimbiara.com.br/galeria/link/4/sede-emissora>>. Acesso em: 13 de julho de 2019.

Após alguns anos, Geraldo Porfírio Botelho passou a ser o único proprietário da Rádio Imbiara. Como grande empreendedor que fora, dentre outros envolvimento que firmara no município, ele fundou o Rotary Club de Araxá. Em 2 de setembro de 1957, este clube, ao lado da Sociedade de Medicina e Cirurgia, promoveu uma exposição sobre o câncer que contou com a participação do vice-prefeito de Uberaba, Dr. Hélio Angotti, apresentando cartazes e fotografias e distribuindo folhetos sobre a doença, na Associação Rural, às 19h. No Cine-rádio Imbiara, às 20h, foram projetados “diferentes filmes americanos [...] relativos aos diversos aspectos da terrível moléstia. Apresentações dedicadas ao povo, em geral, e que facilitarão o diagnóstico antecipado do câncer – o maior flagelo deste século, e que vem tomando um vulto descomunal em todo o mundo [...]” (CORREIO DE ARAXÁ, 1957, p. 4).

Tal exposição lembra, de certa forma, “as exposições universais da passagem do século XIX para o XX” onde “fabricantes, cientistas e comerciantes exibiam para o mundo seus novos produtos, serviços e invenções” (COSTA, 2005, p. 24). Quando vemos, por exemplo, as exposições científicas, palestras, conferências e apresentações artísticas variadas feitas no espaço dos cinemas araxaenses, constatamos que, em determinadas circunstâncias, características do “primeiro cinema” estiveram presentes em Araxá durante a primeira metade do século XX. Em suma, isso é completamente compreensível, da mesma forma que Flávia Cesarino Costa (2005) afirma que as datas localizadas por historiadores para se referir aos períodos do “primeiro cinema” não são regras, pois é realmente um momento de mudanças muito aceleradas que apenas viriam a ser estudadas anos mais tarde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade mineira de Araxá possui história e manifestações culturais ricas, da mesma forma que possui aspectos naturais exuberantes. A constituição de uma estância hidromineral, capaz de servir ao turismo já no início do século XX, fez com que muitas melhorias fossem aplicadas em busca de se apresentar um município próspero aos visitantes e mesmo aos moradores: hotéis, ruas e praças foram construídos, automóveis circulavam atendendo aos “aquáticos”, ligação férrea foi feita, entre outras citadas no decorrer deste artigo.

Em meio a tais melhorias urbanas, foram inseridas opções de lazer, como cassinos, teatros e, sobretudo, cinemas. Nos anos 1950, Araxá era uma cidade que possuía cerca de 20 mil habitantes, com 4 cinemas, 12 hotéis e pensões, além 1 clube recreativo e 2 bandas de música. Com uma população cinco vezes menor do que a existente hoje, a cidade possuía o dobro de salas de cinema. Além disso, é importante colocar que elas se encontravam em espaços distintos, apesar de serem centrais, diferente das duas únicas salas presentes hoje no Shopping Boulevard Garden, que totalizam juntas 365 lugares. Por essa lógica, segundo dados estimativos do IBGE em 2018, que colocam a cidade com 105.083 habitantes, existe uma poltrona para cada 288 habitantes.

Em relação a outros países, o Brasil é o que tem uma das médias mais baixas de salas de projeção de filmes: aproximadamente 7,4% dos municípios possuem cinemas, segundo informe

anual de salas de exibição de 2018, publicado pela ANCINE em 19 de junho de 2019. Apesar disso, a estimativa demonstra um crescimento do parque exibidor, inclusive com aumento de salas nas regiões Norte e Nordeste, mas mantendo a maior concentração no Centro-Sul do país. Notícias de salas sendo reformuladas e reabertas, como os Cines Bijou, Ipiranga e Rex em São Paulo, mostram que o retorno às salas de rua fechadas pode ser uma saída. Desse modo, se descentralizaria a oferta de salas, e se voltaria para as cidades de pequeno e médio porte, muitas no interior dos estados do país, que mantêm prédios desativados.

O hábito de ir ao cinema é realmente um ritual que abarca uma magia, de sair de casa e se encontrar com um mundo novo. Destarte, assistir a uma obra cinematográfica em um cinema de rua, além de contemplar um espaço que é próprio, é exercer democraticamente uma sociabilidade que inclui experimentar a cidade. Um dos aspectos mais importantes que percebemos a partir das entrevistas colhidas é como os narradores sempre se referem aos cinemas araxaenses com nostalgia e, em grande parte, isso se deve a tal processo habitual e comportamental de ir ver um filme, no qual se instituíram modos de relacionamento que somente quem passou por estes ambientes pôde vivenciar.

Por fim, o Cine-teatro Brasil de Araxá, que hoje se encontra fechado, não é só uma contribuição histórica e cultural, dado pela arquitetura e pelo período de sua construção, como também um patrimônio tombado com forte ligação afetiva com a população. Consequentemente, ele ainda pode ser um importante referencial artístico se o município, detentor do prédio por comodato até 2028, perceber sua relevância e valorizar seu passado, agregando-o ao presente por meio de políticas públicas efetivas. A história não termina aqui, pois assim como estampa o brasão de Araxá, essa pesquisa é para que a memória dos cinemas resista, *Ut Omnes Me Meminerint* – “para que seja sempre lembrada”.

REFERÊNCIAS

COSTA, Flávia Cesarino. *O primeiro cinema: espetáculo, narração, domesticação*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

FCCB, Fundação Cultural Calmon Barreto. *Araxá e seus Patrimônios*. Araxá: FCCB, 2010.

FRANÇA, Luiz Humberto. *Araxá, 150 anos: História, Cultura e Desenvolvimento*. Divinópolis: Gulliver Editora, 2015.

FREIRE, Rafael de Luna. *Cinematographo em Nictheroy: história das salas de cinema de Niterói*. Niterói, Rio de Janeiro: Niterói Livros, 2012.

GOMES, Paulo Augusto. *Pioneiros do cinema em Minas Gerais*. Prefácio de Cunha de Leiradella. Belo Horizonte, Crisálida, 2008.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Araxá. In: IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. v. 24. pp. 100-105. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_24.pdf>. Acesso em: 8 de julho de 2019.

LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. *Via de duplo sentido: Araxá cidade-balneário 1920-1940*. 334 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

MARQUES, Silvanita França Jordão. *Fábrica de sonhos: o cinema em Araxá e o imaginário modernista na primeira metade do século XX*. 2005. 49 f. Monografia (Pós-graduação em História) - Instituto Superior de Educação, Centro Universitário do Planalto de Araxá, Araxá, 2005.

MATTOS, A.C. Gomes de. *Do cinetoscópio ao cinema digital: breve história do cinema americano*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. Disponível em: <<https://designvisualuff.files.wordpress.com/2011/08/mattos-a-c-gomes-de-do-cinetoscopioao-cinema-digital.pdf>>. Acesso em: 8 de julho de 2019.

SÁ-FORTES, Rubem. Complexo Hidrotermal e Hoteleiro do Barreiro. In: IEPHA, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. *Guia de bens tombados IEPHA/MG*. 2. ed. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2014. v. 2. pp. 269-272. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/images/com_arismartbook/download/7/GBT-V2.pdf>. Acesso em: 8 de julho de 2019.

ENTREVISTAS

AZEVEDO, Rasma Porfírio de: depoimento [7 de novembro de 2017]. Entrevista concedida a Amanda Carvalho Gomes. Araxá, 2017. Acervo pessoal. Suporte digital.

AZEVEDO, Regina Porfírio de: depoimento [7 de novembro de 2017]. Entrevista concedida a Amanda Carvalho Gomes. Araxá, 2017. Acervo pessoal. Suporte digital.

REZENDE, Celuta: depoimento [7 de novembro de 2017]. Entrevista concedida a Amanda Carvalho Gomes. Araxá, 2017. Acervo pessoal. Suporte digital.

JORNAIS

A IMBIÁRA em festas!. *Jornal de Araxá*, Araxá, p. 2, 9 de agosto de 1952.

A REUNIÃO dos empresários cinematográficos do Triângulo. *Jornal de Araxá*, Araxá, p. 1, 13 de novembro de 1927.

ARAXÁ. *Rotary Club de Araxá*, Araxá, p. 4, janeiro de 1956.

ARRENDADO pelo prazo de um ano o Cine-Theatro Municipal. *Renovação*, Araxá, 4 de fevereiro de 1934.

CINEMA. *Almenara*, Araxá, 01 de junho de 1935. *Voz Paroquial*, p. 4.

CINEMA Araxá. *Correio de Araxá*, Araxá, p. 2, 13 de julho de 1913.

CINEMA Araxá. *Correio de Araxá*, Araxá, p. 1, 23 de novembro de 1913.

CINEMA Araxá. *Correio de Araxá*, Araxá, p. 1, 25 de janeiro de 1914.

CINEMA Araxá. *Correio de Araxá*, Araxá, p. 1, 21 de março de 1915.

CINEMA Araxá. *Correio de Araxá*, Araxá, p. 2, 18 de abril de 1915.

CINEMA Araxá. *Correio de Araxá*, Araxá, p. 1, 7 de maio de 1916.

CINEMA Trianon. *Correio de Araxá*, Araxá, p. 2, 12 de março de 1927.

CINEMASCOPE no Barreiro. *Correio de Araxá*, Araxá, p. 1, 29 de março de 1959.

CINE-THEATRO Gloria. *A Opinião*, Araxá, 13 de março de 1932.

COM verba de conservação de rodovias (fornecida pelo governo) iniciou-se a estrada Uberlândia-Araxá. *Correio de Araxá*, Araxá, 5 de junho de 1960.

DE MAL a pior. *Correio de Araxá*, Araxá, p. 1, 25 de janeiro de 1914.

ESTRADA Araxá-Franca. *Correio de Araxá*, Araxá, p. 4, 19 de abril de 1959.

FILMES sobre o Câncer em Araxá. Virá o Dr. Hélio Angotti. *Correio de Araxá*, Araxá, p. 4, 1 de setembro de 1957.

HOJE: Inauguração do CinemaScope no Barreiro. *Correio de Araxá*, Araxá, p. 1, 17 de maio de 1959.

IREMOS pelo progresso afora com botas de sete léguas. *Jornal de Araxá*, Araxá, 6 de setembro de 1952.

NOVAMENTE com Irmãos Porfírio o Trianon. *Correio de Araxá*, Araxá, p. 1, 6 de dezembro de 1959.

O CINEMA. *Almenara*, Araxá, p. 1, 1 de junho de 1935.

PELO progresso de Araxá. *Cidade de Araxá*, Araxá, p. 1, 13 de janeiro de 1929.

PRODUTO do espetáculo cinematográfico. *Correio de Araxá*, Araxá, p. 2, 6 de agosto de 1916.

RÁDIO Imbiara de Araxá completa 70 anos amanhã. *Jornal Interação*, Araxá, 5 de agosto de 2016. Disponível em: <<http://jornalinteracao.com.br/?p=53787>>. Acesso em: 13 de agosto de 2017.

REABERTURA do antigo “Bar e Restaurante Gloria”. *Renovação*, Araxá, 28 de janeiro de 1934.

TEM estado entre nós. *Correio de Araxá*, Araxá, p. 1, 30 de abril de 1916.

X. Araxá III. *Correio de Araxá*, Araxá, 27 de julho de 1913. Notas de um errante, pp. 1-2.

X. Araxá III. Filmando... O cinema falante. *Cidade de Araxá*, Araxá, 6 de janeiro de 1929.

REVISTAS

ARAÚJO, Ênio Braga de. Agenor Braga de Araújo, o caixeiro viajante que construiu o Clube e o Cine Brasil. *Araxá em Revista*, Araxá, 2. ed., pp. 62-63, março de 2016. Disponível em: <<http://araxarevista.com.br/segunda-edicao>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

CINEMAS e cinematografistas. *Cinearte*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 370, p. 37, julho de 1933. Disponível em: <http://mls.bireme.br/_popup_pdf.php?data=c|1933|07|08|0370>. Acesso em: 8 de julho de 2019.

GÉA, Francisco José. Lafitte, o corsário. *Araxá em Revista*, Araxá, 4. ed., pp. 72-73, outubro/novembro de 2016. Disponível em: <<http://araxarevista.com.br/quarta-edicao>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

RESENDE, Regina Porfírio Botelho de. Geraldo Porfírio Botelho: Líder, visionário e empreendedor. *Araxá em Revista*, Araxá, 2. ed., pp. 70-71, março de 2016. Disponível em: <<http://araxarevista.com.br/segunda-edicao>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

O TREM DA HISTÓRIA. Araxá: FCCB, ano 6, n. 22, janeiro/abril de 1997.

O TREM DA HISTÓRIA. Araxá: FCCB, ano 10, n. 31, dezembro de 2000.